

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O IV COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS (11 A 21 DE AGOSTO-BAÍA).

VELOSO, Francisco José

Ano: 1959 | Número: 69

Como citar este documento:

VELOSO, Francisco José, O IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (11 a 21 de Agosto-Baía). *Revista de Guimarães*, 69 (3-4) Jul.-Dez. 1959, p. 547-550.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros

(11 a 21 de Agosto — Baía)

Dos dias 11 a 21 de Agosto último efectuou-se mais um Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, na bela e antiga cidade de São Salvador da Baía de Todos os Santos, no Brasil. A ele concorreram estudiosos portugueses e brasileiros em grande número, e também lusófilos estrangeiros, de renome internacional. Nota curiosa: apesar de estarem presentes congressistas de muitas nações, uma só língua se falava, quer nas comunicações e conferências, quer nas conversas do exterior, — o português. A Delegação Portuguesa foi presidida pelo Professor Dr. Marcelo Caetano, e compunha-se de cientistas e estudiosos, quase todos com larga obra publicada no sector da sua especialidade. Sem desdouro para as outras matérias, cremos não andar longe da verdade ao afirmar que foram os problemas tropicais os que concitaram maior número de autoridades, de reconhecida competência, em boa hora levados na nossa embaixada. O Dr. Azeredo Perdigão, advogado e Presidente da Fundação Gulbenkian, participou também no Colóquio, e, a convite da Faculdade de Direito da Bahia, proferiu ali uma excelente lição de Direito comparado. O Colóquio foi promovido pela Universidade da Bahia e patrocinado pela UNESCO. As secções de estudo eram: — 1.^a) O meio e o homem; 2.^a) A língua; 3.^a) A literatura; 4.^a) As belas artes; 5.^a) A sociedade, a política e a economia; 6.^a) A ordem jurídica. Facilmente se depreende que estas divisões não esgotam o vasto campo de estudo, que representa a comparação das culturas das duas Nações irmãs, provenientes do mesmo tronco. Mas o número de teses, em algumas secções, como a 2.^a e a

3.^a, ultrapassou o que seria razoavelmente de prever. Parece conveniente que estes colóquios se aproximem, ou não se desviem do seu inicial escopo, aquele que presidiu à sua instituição em Washington. Assim, além da selecção de teses, que deveria ser feita por uma comissão previamente composta de portugueses e brasileiros, designada por ambas as partes de comum acordo, de modo a reunirem-se amigos do Brasil, de cá, e de Portugal, de lá, para esse efeito, deveria também estabelecer-se como obrigatório o carácter comparatista dos estudos apresentados. Estas foram, de um modo geral, as conclusões a que chegaram os congressistas, aliás.

Impossível é resumir o que foi esse congresso e o seu trabalho, que se repartiu por várias secções e durou nada menos de 11 dias de trabalho intenso.

O Magnífico Reitor, Professor Dr. Edgar Santos, o activo Secretário Geral, Professor Dr. Hélio Simões e o Vogal, Professor Dr. Oldegar Vieira, não se pouparam a esforços, como aliás as autoridades e povo da Bahia, para dar aos congressistas o testemunho da hospitalidade brasileira. As festas, recepções, espectáculos, passeios e excursões sucediam-se, com organização eficiente e fidalguia inexcusável. A Universidade da Bahia mantém grande número de actividades circum-escolares, como uma Escola de Teatro, uma Escola de Dança, um Museu de Arte Sacra, uma bellissima orquestra, muitos institutos, etc. O Governo do Estado, confiado ao General Juracy de Magalhães, candidato à presidência da República, também cumulou os coloquistas de atenções.

Fez-se o doutoramento «honoris causa» do Professor Dr. Marcelo Caetano, que proferiu uma lição magnífica. O Reitor da Universidade teceu o elogio do doutorando. No fim do Colóquio, foram doutorados «honoris causa» outros ilustres coloquistas, geralmente professores.

Notável a contribuição do Colóquio no campo dos problemas económico-sociais relativos à reforma agrária, em curso naquele vasto país. Na secção de literatura, debateu-se o eterno problema de saber se houve uma literatura brasileira antes da Independência: com razão, autoridades, como o Prof. Jucá Filho, vincaram o carácter bem brasileiro do Padre António Vieira (problemas dos índios, dos escravos, das armas de Holanda, etc.),

que não deixa de ser glória também de Portugal. Assistimos a interessantes estudos e espectáculos etnográficos, e excursões, prelecções e exposições relativas à história da arte, parecendo-nos resultar, do que vimos e ouvimos, que se torna indispensável averiguar até que ponto o facto de um indivíduo ser de cor o não inibiu de assimilar os costumes de seu avô branco, e, pelo contrário, o cidadão branco se deixou dominar pelo fascínio da arte negra ou ameríndia. Depois, cumpre dar cada vez mais importância à criação espontânea, que no Brasil continua a ser exuberante, como a desses trovadores e artistas populares, que enchem as ruas e sertões do Brasil. Impressiona a unidade e identidade do Brasil, de Norte a Sul, tanto no que respeita ao elemento humano, como às suas manifestações artísticas. Com algumas adaptações aos diferentes «habitats», o brasileiro aproveitou, numa síntese feliz, tudo o que, do Minho ao Algarve, das Ilhas do Atlântico à própria Índia, lhe servia e lhe agradava, para uma expressão toda sua. Deste modo, têm-se a impressão de um ar de família. Mas da síntese de elementos díspares sobressai a peculiaridade de uma criação maravilhosa. Do Brasil antigo, até ao meado deste século, a *presença* do Porto, mormente no que diz respeito a urbanismo, é flagrante; mais do que a de Lisboa, que apenas aflora nas entradas do Rio e seus palácios joaninos, ou no declivoso pendor do casario baiano, a banhar-se nas claras águas do mar, limitado ao longe e em frente pela Ilha de Itaparica, mas dando a impressão da Outra Banda, Almada e Barreiro, porém verdes... Vimos a dança dos pauliteiros de Miranda, ataviada de rendilhados africanos. Singularmente, a bela, antiga e progressiva cidade da Baía, é considerada a mais portuguesa do Brasil: ela, para nós, é também a mais brasileira. Ali se encontram, definidos, como no Recife e no Rio, alguns estilos do século XIX, que ninguém estuda por cá, mas se surpreendem, numa estrada portuguesa, nas linhas imponentes de uma casa de engenho... tantas vezes mal copiada, ou na palmeira raquítica que o emigrante colocou a recordar a chácara de além mar, em pleno vergel minhoto.

A secção jurídica foi a mais escassa de comunicações, pois se esgotou em três sessões, enquanto outras secções ultrapassavam a vintena...

Ali, no entanto, de par com algumas contribuições importantes, surgiu o alvitre de ser abolido o nome de «luso-brasileiro» para designar a Comunidade, pois é tão absurdo como seria o de «latino-brasileiro», ou «luso-português». Há, entre Portugal e Brasil, um denominador comum: a sua origem lusa. Nestas condições, impõe-se adoptar definitivamente, consoante os Mestres brasileiros há muito propugnam, e mesmo os Presidentes do Brasil e de Portugal, encontrando-se, mencionaram, a designação «lusíada», sabido que o sufixo indica procedência, achando-se para mais prestigiado pela epopeia de Camões. «Luso-brasileiro» parece além de tudo, importar uma oposição ou antinomia.

Consta-nos que as actas do Colóquio estão a imprimir-se activamente, sendo de esperar que em breve se possam encontrar nas mãos dos estudiosos, que ali hão-de haurir vasto manancial de conhecimentos, e sugestões para novos estudos. Consideramos «necessidade imperiosa, para a cultura portuguesa, o aproximar-se da brasileira, e, para todos os nossos estudiosos, o dedicarem alguma parte da sua atenção aos problemas das relações brasileiro-portuguesas, à informação sobre o Brasil, e à comunidade das origens e de civilização (lusíada) das duas culturas nacionais em presença.»

A Sociedade Martins Sarmiento esteve representada pelos seus sócios e colaboradores da «Revista de Guimarães», Drs. José Pedro Machado e Francisco José Velozo. O Professor Dr. Thales de Azevedo, da Faculdade de Filosofia, sábio Mestre de Etnografia e Etnologia, autor de importantes trabalhos sobre tais matérias e escritor de summa elegância, deu-nos o prazer de manifestar interesse pelo labor da Sociedade Martins Sarmiento e pelo seu órgão. Incidentalmente diremos que num formoso artigo, publicado na Imprensa baiana, o ilustre Professor acentuava o fundo portuense da gente da Baía.